



ARTIGOS

Dilemas e Subjetividades acerca da Projeção de Imaginários Sociodiscursivos envolvendo Discentes de um Instituto Federal

Pollyanna Júnia Fernandes Maia REIS, *Instituto Federal de Minas Gerais*
Elke Beatriz Félix PENA, *Instituto Federal de Minas Gerais*

Este artigo tem por objetivo averiguar em que medida existe e se configura a projeção de um imaginário sociodiscursivo considerado ideal em relação aos discentes do Curso Técnico Integrado em Metalurgia do Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ouro Preto. A motivação desta pesquisa se deu em razão da recorrente ociosidade de vagas e até mesmo a não integralização de todas as turmas, muitas vezes, sendo justificada, discursivamente, pelo perfil dos(as) alunos(as) que as compõem. Para a realização deste trabalho, valem-nos de um questionário que foi aplicado às turmas de primeira e de segunda séries, contendo perguntas ligadas à significação do que é ser aluno (a) do curso, a possível existência quanto à projeção de um perfil discente desejado e se questões ligadas a gênero interfeririam na forma como esses estudantes são percebidos. Todas essas perguntas convergem no sentido de tentarmos entender como e porquê esse imaginário sociodiscursivo se reverbera(va) com tamanha força dentro do Campus, considerando-se o fato de o curso, em questão, ter sido o primeiro a ser criado na Instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário sociodiscursivo. Gênero. Relações Étnico-Raciais.



Introdução

O presente artigo surgiu da necessidade de constatar se havia (ou não) a existência da projeção de um *imaginário sociodiscursivo* considerado ideal em relação aos discentes do Curso Técnico Integrado em Metalurgia do Instituto Federal de Minas Gerais, *Campus* Ouro Preto.

A motivação para a proposição desta pesquisa se deu em razão do fato de alguns docentes¹ terem percebido a presença de uma recorrente construção discursiva por parte dos alunos em relação ao perfil dos discentes que compõem o Curso Técnico em Metalurgia e esta se apresentar, na maior parte das vezes, atrelada às condições socioeconômicas desse grupo.

Com o objetivo de averiguar a validade e os possíveis motivos para a existência desse *imaginário sociodiscursivo*, propusemos a aplicação de um questionário às turmas de primeira e de segunda séries a partir de três perguntas ligadas à significação do que é ser aluno (a) do curso, a possível existência quanto à projeção de um perfil discente desejado e se questões ligadas a gênero interfeririam na forma como esses estudantes são percebidos. Todas as perguntas tinham como propósito a confirmação (ou refutação) acerca desse *imaginário sociodiscursivo* e se configuravam, ao mesmo tempo, em uma tentativa de entendermos as causas que culminaram nesse tipo de construção sociodiscursiva e os motivos pelos quais esta se reverberara com tamanha força dentro do *Campus*.

Após a aplicação do questionário, as respostas dos discentes foram analisadas à luz da Análise do Discurso e de outras teorias compósitas, a fim de percebermos se havia, de fato, a existência de um *imaginário sociodiscursivo* e, do mesmo modo, a projeção de um perfil balizado como ideal, principalmente ao considerarmos a história de fundação do curso e da Instituição.

A fim de que conseguíssemos dar contorno a esta pesquisa e validássemos a nossa pressuposição acerca da existência de um *imaginário sociodiscursivo*, dividimos o nosso artigo em seções e, para tanto, recorreremos à história de surgimento da Escola Técnica Federal de

¹ Em conversas informais, notamos que outros docentes também partilhavam da mesma percepção que as autoras deste artigo e, diante da situação, resolvemos investigar a existência de um possível *imaginário sociodiscursivo* considerado ideal em relação ao perfil dos discentes do Curso Técnico Integrado em Metalurgia.



Ouro Preto e, posteriormente, a fundação do IFMG – *Campus Ouro Preto*. Em seguida, dedicamo-nos a tratar sobre o *corpus* e a metodologia aplicada bem como o processo de nomeação como elemento de constituição identitária, dentre outros elementos de análise. E, por último, tecemos algumas considerações em relação aos dados obtidos e propomos algumas reflexões a partir de um âmbito mais macro.

1. Sobre o IFMG - Campus Ouro Preto

A origem do ensino técnico-profissionalizante no Brasil é recente. Seguindo uma tradição que vinha do Brasil Colônia, os ajudantes de mestres de ofício aprendiam o trabalho diretamente em oficinas ou canteiros de obras ao auxiliarem na execução de determinadas tarefas. Embora esses "ajudantes" não fossem considerados aprendizes, Cunha (1978) afirma que a aprendizagem de um ofício não se dava "de maneira intencional, tampouco era vista como algo necessário" (CUNHA, 1978, p. 33).

Ao tomarmos como válidas as considerações de Cunha (1978), reconhecemos a importância e constatamos que o surgimento da modalidade ligada ao ensino técnico não fazia parte do legado educacional brasileiro, dado o fato de que, somente a partir do início do século XX, o governo do presidente Nilo Peçanha, através do Decreto 7.566, ter delegado ao Estado a responsabilidade pela educação profissional. Nesta época, foram fundadas 19 Escolas de Aprendizes Artífices, cujo objetivo era o de "oferecer ensino profissional primário e gratuito para as pessoas que o governo chamava de "desafortunadas" naquele período" (BRASIL, 2011).

Como se pôde ver, essas primeiras escolas de artes e ofícios primavam pela formação de um tipo de mão de obra com pouca qualificação para trabalhos mecânicos e/ou manuais através de conteúdos elementares ao ofício. Somente com a vigência e implementação de novas políticas públicas em relação à educação, durante o Estado Novo (1937-1945), é que houve a expansão desse tipo de modalidade de ensino e a criação de níveis de formação variados, a partir da Lei n.º 378, transformando as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Profissionais.

Embora tivesse ocorrido uma transformação substancial nessas escolas a partir da promulgação da supracitada lei, o tipo de ensino,



ainda, se prestava à inclusão dos menos favorecidos com o apoio de indústrias e sindicatos a fim de se "criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes, destinadas aos filhos de operários e associados." (Brasil, 1937).

Entretanto, com a recente industrialização do país na Era Vargas, houve uma nova ampliação do ensino técnico profissional e os recentes Liceus passaram a se chamar Escolas Técnicas Industriais. Essa mudança ocorreu em razão da crescente demanda de profissionais capacitados para diversos setores e os conteúdos passaram a incorporar a formação científica e propedêutica em seus programas de ensino.

É nesse contexto de mudanças que se instala, em 1944, na cidade de Ouro Preto, uma escola técnica federal, denominada, oficialmente, como Escola Técnica Federal de Ouro Preto (ETFOP). Inicialmente, a ETFOP ofertava dois cursos técnicos em áreas afins - metalurgia e mineração - e, com o passar dos anos, mais formações foram disponibilizadas.

A instituição vem se tornar Autarquia Federal, pela Lei 3.352 de 1959, quando adquire autonomia administrativa, financeira e didática, conservando o antigo nome (ETFOP) até 2002, quando se torna Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto (CEFET Ouro Preto). Nessa época, além de oferecer cursos básicos de nível médio, passa a ofertar cursos superiores na área de tecnologia. É criada, em 2007, a primeira Unidade de Ensino Descentralizada (UNED), com sede em Congonhas (MG), e o Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD), aumentando a área de influência da escola, o número de alunos e o de cursos ofertados.

No ano seguinte, 2008, o CEFET Ouro Preto, a partir de um decreto expedido pelo Ministério da Educação, torna-se Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), com as fusões do antigo CEFET Ouro Preto, da Escola Agrotécnica de São João Evangelista e do CEFET Bambuí. Dado o contexto, percebemos como o atual IFMG, Campus Ouro Preto, alterou sua identidade profissional e, também, se modificou, haja vista a notória projeção na área de pesquisa e extensão acadêmica, oferecendo novos cursos em diversos ramos da engenharia, incluindo licenciaturas, especialização e pós-graduação (cf. IFMG OURO PRETO, [2017] 2018).



2. Panorama do Curso de Metalurgia no âmbito do IFMG - Campus Ouro Preto

A região de Ouro Preto apresenta uma história que, por si só, justifica a criação de um curso de Metalurgia, já que, desde o século XVIII, apresenta ampla vocação para a extração mineral, principal atividade econômica local. O interesse teria se iniciado no começo do século XIX, quando o engenheiro e mineralogista alemão W. L. Von Eschwege (1777-1855) chega a Ouro Preto (antiga Vila Rica), em 1811, com a missão de realizar pesquisas mineralógicas e instruir os mineradores acerca dos métodos modernos de exploração.

Já por volta de 1874, o imperador Dom Pedro II idealiza uma escola voltada para a formação de futuros mineralogistas e convida o estudioso francês Claude Henri Gorceix (1842-1919) para organizar um curso de mineralogia no Brasil. Inicialmente pensado para o Rio de Janeiro, o próprio Gorceix recomenda que o referido curso fosse sediado em Ouro Preto pela sua riqueza geológico-mineralógica (cf. UFOP/ ESCOLA DE MINAS, 2018).

Embalado pela tradição secular de se aproveitar o potencial econômico da mineralogia e geologia no Brasil, principalmente na região dos inconfidentes, é criado, em 1942, o curso técnico de Metalurgia e Mineração. Essa medida era decorrente da chamada Lei Orgânica do Ensino Industrial, dada pelo DECRETO-LEI Nº 4.073, que estabelecia as bases de organização e de regime desse tipo de ensino, destinado à preparação profissional dos trabalhadores da indústria (BRASIL, 2018). O objetivo desta lei era atender “aos interesses das empresas, nutrindo-as, segundo as suas necessidades crescentes e mutáveis, de suficiente e adequada mão de obra” (BRASIL, 2018) e, também, “aos da nação, promovendo continuamente a mobilização de eficientes construtores de sua economia e cultura” (BRASIL, 2018).

É mediante esse contexto que foi criada a Escola Técnica de Metalurgia e Mineração de Ouro Preto, sediada no antigo prédio da Escola de Minas de Ouro Preto. Apesar dos problemas de ordem estrutural, relatados no trabalho de Ferreira et al. (FERREIRA et al, 2016, p. 7), a escolha do local de instalação demonstra a afinidade e correlação entre as duas instituições de ensino e o objeto que era ensinado, havendo uma harmonia entre um ensino técnico secundário e um ensino de nível superior na mesma área, cujos objetivos se assemelham. Vinte anos depois, em 1964, a então denominada Escola



Técnica Federal de Ouro Preto (ETFOP) foi transferida para o Morro do Cruzeiro, ocupando o local onde se encontra hoje.

É preciso ressaltar que o curso Técnico em Metalurgia ganhou prestígio desde a sua criação, haja vista “a carência de profissionais de nível técnico na incipiente indústria metalúrgica nacional, fazendo com que empresas de São Paulo e Rio de Janeiro, como a COSIPA e a CSN, também cobiçassem os profissionais formados pela ETFOP (FERREIRA et al, 2016). Até hoje, é exigido que os egressos do curso disponham de conhecimentos aprimorados voltados à extração dos metais e suas ligas, além de uma visão crítica da sociedade a partir de posicionamentos empreendedores bem como capacidade de liderança (cf. IFMG Ouro preto, 2018).

O conjunto dessas qualidades delineiam o perfil desse tipo de profissional, entretanto, percebemos que é recorrente à atribuição de tais características a trabalhadores do sexo masculino, tanto no espaço laboral quanto no ambiente acadêmico. Justificamos tal afirmação em razão do fato de a maior parte dos contratados da indústria metalúrgica bem como os discentes do Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ouro Preto, ser composta, tradicionalmente, por indivíduos do referido gênero.

Dado o exposto, interessa-nos, neste trabalho, analisar os *imaginários sociodiscursivos* que corroboram/refutam tal perfil, à luz da Análise do Discurso² e de outras teorias compósitas, a partir de entrevistas realizadas com alunos (as) da primeira e segunda séries do Curso Técnico Integrado em Metalurgia do IFMG, Campus Ouro Preto. Ademais, merecerá nossa atenção como esses discentes - sujeitos plurais - são perpassados por discursos que buscam 'fixar' um perfil, ou melhor dizendo, uma identidade desejável para esses alunos (as), associando-a a um possível movimento de continuidade da história de fundação do curso e do contorno de seus membros dentro do âmbito de uma Escola Técnica Federal.

2, Neste trabalho utilizaremos a Análise do Discurso de vertente francesa, sobretudo a Teoria Semiollingüística proposta por Patrick Charaudeau (2008) no que diz respeito ao modo de organização descritivo, sobretudo a atividade de nomeação.



3. Algumas inquietações: breves palavras sobre o *corpus* e a metodologia aplicada

Como professoras do Curso Técnico em Metalurgia, era recorrente ouvirmos uma mesma frase: "os alunos (as) de Metalurgia são os que apresentam maior dificuldade na escola e, por essa razão, são os que mais evadem³, tornando-se, portanto, em razão desses fatores, o público que mais sofre discriminação na Instituição". Tal afirmação era algo que nos incomodava muito, mas era facilmente justificada pelo fato de ser o curso com menor relação candidato por vaga no processo seletivo.

Vale salientar que tal relação não se reduz, apenas, a um número menor de candidatos, pois, em anos anteriores, já se registrou, até mesmo, a ociosidade de vagas e a não integralização de todas as turmas, utilizando como justificativa, na maior parte das vezes, o perfil dos alunos que compõem o curso. Esse aparente desinteresse é comumente explicado, a nosso ver, pelo fato de haver um *imaginário sociodiscursivo* vigente na escola - até mesmo, por parte dos alunos - de que uma menor concorrência pode estar atrelada ao fato da maior parte dos discentes do curso terem uma condição socioeconômica mais baixa e, que, por sua vez, tal circunstância explicaria o elevado número de retenções e evasões em comparação com os demais cursos da Instituição.

Ao constatar a existência desse *imaginário sociodiscursivo* que tanto nos incomodou, resolvemos investigar o que o fomentava para entendermos como e por que ele se reverberava com tamanha força dentro do Campus. Nesse sentido, optamos por desenvolver um questionário a ser aplicado nas turmas da primeira série a fim de identificarmos quais elementos davam corpo a esse *imaginário*, considerando-se o fato de que eles eram os alunos (as) que tinham acabado de ingressar na instituição.

3 De acordo com os dados obtidos no Setor de Controle Acadêmico do Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ouro Preto, em 2016, dos 254 alunos matriculados no Curso Técnico em Metalurgia, 19 evadiram e, em 2017, dos 237 discentes matriculados, a mesma quantidade (19) também evadiu. Constatamos, ainda, a partir da consulta feita à base de dados fornecida pelo referido setor, que houve um cômputo elevado de retenções. Nas turmas de primeira série, ano letivo de 2017, de um total de 115 matriculados, 66 foram aprovados (55%) e 39 reprovados (34%). Nesse ínterim, vale destacar que 10 alunos cancelaram a matrícula e pediram transferência (11%). Já nas turmas de segunda série, ano letivo de 2016, de um total de 45 alunos matriculados, 31 foram aprovados (69%) e 14 reprovados (31%), sem registro de cancelamento de matrícula e pedido de transferência.



Como gostaríamos de avaliar as impressões dos alunos recém-chegados, não poderíamos nos furtar, também, a mensurar àquelas dos que já conheciam melhor a estrutura e funcionamento do Campus bem como do curso, pois, a nosso ver, estas seriam fundamentais para tentarmos entender em quais condições esse tipo de discurso se reverberava no seio escolar. Nesse sentido, valemo-nos, mais uma vez, da aplicação desse mesmo questionário para as turmas da segunda série.

No instrumento utilizado, lançamos mão de três perguntas que consideramos basilares à compreensão do contexto de surgimento desse *imaginário sociodiscursivo* que parece construir a identidade do curso e de seus discentes, a saber: *i) Qual é o significado de ser aluno (a) do Curso Técnico em Metalurgia?; ii) Há um padrão/perfil desejado para ser aluno (a) desse curso? Se sim, explicita de que maneira isso ocorre.; iii) Você acha que questões ligadas a gênero implicam em alguma mudança na forma como são vistos (as) dentro do curso?*

Como se pôde perceber, a primeira pergunta se concentrou na significação do que é ser aluno (a) do curso para o respondente. Em seguida, ativemo-nos a identificar um possível perfil a respeito dos discentes matriculados no referido curso e, posteriormente, buscamos entender se questões ligadas a gênero, tanto no âmbito masculino/feminino quanto heterossexual/homossexual, implicavam em mudanças no tratamento dispensados a eles (as). É válido ressaltar que todas essas perguntas tinham por objetivo responder a um questionamento maior: *existe a projeção de um imaginário sociodiscursivo considerado ideal acerca dos alunos matriculados no Curso Técnico em Metalurgia do IFMG, Campus Ouro Preto?*

Dado o exposto, selecionamos alguns excertos para fundamentar as análises que serão empreendidas neste trabalho. Após essa investigação, tentaremos estabelecer possíveis comparações entre as turmas da primeira e segunda séries, atentando-nos para uma eventual confirmação e/ou refutação da existência de um possível *imaginário sociodiscursivo* e sua materialização, sobretudo ao considerarmos que esses corpos/discursos circulantes comportam aspectos históricos e econômicos moldados pelas redes de poder de uma dada sociedade.



4. O processo de nomeação como elemento de construção identitária

Neste processo de investigação acerca dos *imaginários sociodiscursivos*, assumimos ser de fundamental importância o processo de nomeação. Nesse ínterim, reconhecemos a relevância da nomeação acerca do próprio mundo, merecendo destaque o fato de que o sujeito, ao nomear a si e aos outros, constrói seu próprio objeto a partir de um determinado ponto de vista sobre aquilo que nomeia.

Nesse contexto, consideramos, ainda, que as nomeações são capazes de revelar as identidades dos sujeitos sociais, haja vista a premissa de que a atribuição de nomes a seres e objetos não pode ser considerada apenas como referência ao real, mas deve, sobretudo, estar vinculada à possibilidade de representação ligada a um potencial dialógico, conforme ressalta Reis (2016).

É sob essa ótica que somos levados a constatar que o emprego de nomes em quaisquer materialidades discursivas - assim como nas respostas do questionário que será objeto de exame - não significa simplesmente fazer referência a algo, mas remete, também, à representação/apresentação dos seres. Além disso, podemos afirmar que tal emprego pode denotar, ao mesmo tempo, a compreensão/visão sobre o mundo, gerando, a partir disso, desdobramentos dentro das práticas discursivas (GUADANINI, 2010).

Ao fazermos tal asserção, reconhecemos, assim, a primazia da máxima bakhtiniana de que todas as nossas palavras são referências às palavras do outro e de que há uma circulação de enunciados em outros discursos, compreendendo, desse modo, que, pela nomeação, ativam-se, também, saberes coletivos, ideologias conceituais, estereótipos culturais e categorias identitárias.

E é tomando por base a concepção de que a nomeação relaciona-se ao dialogismo, é que nos propomos a analisar como os relatos dos discentes do curso de Metalurgia comportam, na maior parte das vezes, a ideologia conceitual e os estereótipos discursivos a partir desse tipo de atividade⁴. Ademais, interessa-nos averiguar, ainda, se ocorre a sedimentação de estereótipos, acompanhada, por sua vez, de uma visão

⁴ Tratamos, aqui, mais especificamente, da atividade de nomeação.



figée, cristalizada em *imaginários sociodiscursivos*, levando, até mesmo, ao realce e/ou apagamento do potencial argumentativo das nomeações na construção imagético-discursiva do perfil dos alunos matriculados no curso técnico supracitado.

É válido ressaltar, ainda, que, para fins de análise, nos valeremos de categorias de análise propostas pela Teoria Semiolinguística, mais especificamente os modos de organização do discurso, sobretudo o modo de organização descritivo - *nomear*, *localizar-situar* e *qualificar* - para examinar as construções linguístico-discursivas referentes aos relatos dos discentes do curso de Metalurgia. Como já ressaltamos, dedicaremos, com mais afinco, a observar como a atividade de *nomeação* pode desvelar possíveis movimentos que se ligam às *formações discursivas*, apontando para o atravessamento ideológico do sujeito.

5. Em busca de respostas

Para compreendermos como se dão as diferentes construções dos *imaginários sociodiscursivos* ligados aos discentes do curso de Metalurgia do IFMG, Campus Ouro Preto, é necessário pontuar que tais representações socioimagéticas são, também, representações coletivas que se inscrevem no tempo e em determinado contexto histórico.

Nesse sentido, Moscovici (1981) argumenta que as representações sociais (RS) são oriundas de um grupo de conceitos, explicações que surgem através das relações e da comunicação entre os indivíduos. Para o teórico, tais representações não são simples opiniões desprovidas de sentido, mas comportam significados advindos da interação entre o indivíduo e o mundo externo.

Ao validarmos a perspectiva assumida por Moscovici (1981), interessa-nos, a partir deste momento, averiguar em que medida essas representações sociais, ou melhor dizendo, esses *imaginários sociodiscursivos* se materializam e por meio de quais recursos se consubstanciam: nomeações, descrições, qualificações e, até mesmo, por meio da atribuição de *imagens a si e/ou ao outro*.

Como já expusemos, anteriormente, valemo-nos de três perguntas para construirmos o questionário, merecendo que examinemos, a partir de agora, as respostas que dizem respeito à seguinte questão: *Qual é o significado de ser aluno (a) do Curso Técnico em Metalurgia?*



De maneira geral, notamos que uma grande parte dos discentes sobrelevou o fato de que ser aluno do curso implica no compartilhamento de diferenças, como se pode ver a seguir:

É compartilhar as diferenças, de modo a desenvolver novas reflexões (...). O curso de Metalurgia é o que mais concentra população negra e de classe social baixa, fato contundente para se ter grandes choques de realidade (A - 1º ano - grifos nossos).

Neste excerto há o destaque para a constituição do grupo étnico-racial dos discentes do curso de Metalurgia. Para o respondente da questão, tal situação é vista como componente permeador de um evidente choque de realidade, haja vista o fato de o curso ser composto, em sua maioria, por população negra.

O destaque dado por A (1º ano) em relação a uma maior concentração de população negra e de baixa renda no curso de Metalurgia remete-nos a uma concepção que Louro (2016) considera crucial: o fato de que é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais. Nesse caso, a nosso ver, o respondente da questão parece sinalizar a conferência de uma identidade social não atraente a esses alunos (as), sobretudo ao levarmos em consideração a rememoração de um passado histórico de humilhação e desumanidade: 300 anos de escravatura brasileira.

Nos fragmentos que se seguem, percebemos outro elemento que merece relevo: a condição do gênero feminino no âmbito do curso de Metalurgia. Notamos, assim, que há a presença de um *imaginário sociodiscursivo* vigente em relação ao perfil desejado/esperado do discente do supracitado curso, manifesto, na maior parte das vezes, de forma preconceituosa, como se pode ver adiante:

É sofrer preconceito, apesar de ser um curso bom. Eu, como mulher, em especial, sofro o preconceito em decorrência do machismo. Muitos dizem também que é curso para homens (B - 1º ano - grifos nossos).

Significa escutar as pessoas de outros cursos falarem que o curso de Metalurgia é lugar de homem e não de mulher, além das mulheres sempre receberem ofensas (C - 1º ano - grifos nossos).

Ser aluna do curso de Metalurgia é provar para mim mesma e para todos que, quase, me fizeram escolher outra "carreira, que sou capaz de seguir uma área que, para muitos, é considerada como "coisa de homem". Vários estereótipos estão sendo quebrados apenas com a minha ida, diariamente, à sala de aula e o fato de ser estudante. Além



disso, se ser metalúrgico é fazer serviço braçal (coisa que não é para mulher como várias pessoas dizem), não há problema nenhum. Jamais devemos deixar de tentar alcançar os nossos objetivos somente por conta das barreiras que nos são implantadas o tempo todo. Comentários negativos e a separação de cada indivíduo em uma "coisa social e invisível" sempre existiu, por isso, devemos sempre seguir convictos do que queremos. (D - 1º ano - grifos nossos).

A minha família diz que é um curso para homens (F - 1º ano - grifos).

Como se pôde ver, é recorrente a máxima de que o curso de Metalurgia é voltado para homens, especialmente em decorrência do fato de ser um trabalho mais pesado, executado com mais dificuldade por mulheres. A insistência em uma masculinização do curso, e, portanto, da profissão, faz com que retomemos a reflexão proposta por Louro (2016) acerca de que os corpos ganham sentido socialmente a partir do contexto de uma determinada cultura e, também, de suas marcas.

E é sob esse aspecto que somos levados a recuperar o contexto de surgimento do ensino técnico-profissionalizante e de suas necessidades no Brasil, especialmente no que tange à conjuntura do Campus Ouro Preto em relação à implementação do curso de Metalurgia na Instituição. Nesse sentido, podemos nos valer do que Foucault (1988) afirma acerca dos múltiplos discursos que surgem a respeito dos gêneros, especialmente no que concerne a sua invenção social, haja vista que estes se constituem por práticas que tendem a regular, normatizar, instaurar, distinguir e, muitas vezes, de forma sutil, ou, ainda, violenta, caso a finalidade seja ainda maior: a discriminação.

Ao percebemos que esses relatos se dão no âmbito de uma escola, não podemos nos esquivar à outra reflexão empreendida por Louro (2016) nesse aspecto: "a produção de uma masculinidade e o disciplinamento dos corpos é produzido, na maior das vezes, pela própria escola, embora esse tipo de pedagogia seja sutil, discreto, contínuo, mas quase sempre, eficiente e duradouro" (LOURO, 2016, p. 10). É necessário ressaltarmos que não estamos afirmando, aqui, que a referida Instituição seja responsável por esse aspecto, mas destacamos que, tradicionalmente, cabia às escolas, em quase sua totalidade, o disciplinamento dos corpos e dos padrões/posições que os discentes seriam capazes de ocupar.

Outro relato que também nos surpreendeu diz respeito às nomeações que os próprios alunos atribuem a si e aos outros. Em alguns



casos, percebemos a generalização de certos comportamentos - trata-se de um perfil de discentes com vastos problemas sociais - de modo a desconstruir e deslegitimar aquele público discente que, em sua maioria, é notadamente marcado e segregado pelos aspectos sócio-históricos que carregam/comportam.

Além disso, são alunos problemáticos que *apresentam muitos conflitos familiares e sociais* (G - 1º ano - grifos nossos).

Além disso, arriscamos a dizer, ainda, que há, em alguns casos, o risco da supressão de um aspecto fundamental: a *humanidade* desses alunos (as) no universo do curso, como podemos ver a partir do relato que se segue:

Estudar metalurgia é ser estudante e, também, é ser humano. Eu não aguento mais as pessoas falarem que o jeito sexual da pessoa importa, principalmente comentários acerca de gays (homens), ao afirmarem que lhes falta "provar uma mulher boa", mas ressaltam que entre duas mulheres lésbicas, o homem pode entrar no meio. *O curso é bom, mas o respeito é pouco* (E - 1º ano - grifos nossos).

Como se pôde ver, G (1º ano) destaca que alguns discentes do curso são vistos/categorizados, ou, em outras palavras, nomeados como 'alunos problemáticos'. A nosso ver, tal situação se explica em razão dos estigmas imputados à classe socioeconômica da maior parte dos alunos (as) e, principalmente, pelo fato do mercado/ramo econômico da Metalurgia ter apresentado uma queda considerável nos últimos anos. Soma-se a isso, a conjuntura social de as empresas não conseguirem absorver a demanda de mão de obra já existente e em formação.

E (1º ano) ainda faz questão de ressaltar que "ser estudante de metalurgia é também ser humano", evidenciando o fato da identidade homossexual de alguns alunos advir de circunstâncias de não terem tido a oportunidade de experienciar uma relação heterossexual, ou, em outras palavras, como o próprio discente relatou, "a possibilidade de um homem provar uma boa mulher" (E - 1º ano). É válido destacar, ainda, que o estereótipo se altera quando se trata de um casal de lésbicas, pois a identidade genuinamente masculina é aceita dentro desse tipo de relação, merecendo relevo, mais uma vez, uma postura machista e sexista por parte de alguns discentes.

Ao considerarmos a perspectiva acima aludida, pareceu-nos que um grande número de alunos (as) do curso vão ao encontro do que Louro (2016) afirma acerca da concepção de que a sexualidade é algo que



todos nós, mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Sob esse prisma, a autora argumenta que:

Ao se aceitar tal ideia, fica sem sentido argumentar a respeito da dimensão social e política da sexualidade ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria, assim, algo "dado" pela natureza e inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções (LOURO, 2016, p. 5).

Como se pôde perceber, a questão da sexualidade envolve processos profundamente culturais e plurais e é constituída, historicamente, a partir de múltiplos discursos que utilizam a representação social heteronormativa para forjar a identidade de outros grupos sociais. Além disso, reconhecemos, também, que em meio a esse campo, aqueles que detêm o poder definem a forma como se processam tais representações.

Por fim, colocamos em destaque um relato que nos pareceu mais positivo acerca da visão do Curso Técnico em Metalurgia, mas é perpassado, também, por preconceito em relação aos demais. Além disso, chama-nos a atenção o fato de o respondente ter dito "não ter uma determinação exata do significado 'ser aluno do curso'". Tal situação, a nosso ver, é capaz de denotar outra vertente: a de que a circunstância de não se ter uma identidade tão evidente do curso faria com que restasse, apenas, uma única opção - a identificação desse tipo de formação à vinculação de um viés preconceituoso, calcado no *imaginário sociodiscursivo* circulante que pressupomos existir.

Na minha opinião, ser aluno de Metalurgia é ter a mesma imagem de aluno de outros cursos, *mas tem um certo preconceito como todos os outros*. Não se tem uma determinação exata do significado de ser aluno de Metalurgia (F - 1º ano - grifos nossos).

Já a segunda questão apresentada aos discentes dizia respeito à existência de um padrão/perfil desejado para ser aluno (a) do curso de Metalurgia e de que maneira isso ocorria. Como se pôde notar a partir das respostas da questão anterior, os primeiros contornos desse perfil já foram estabelecidos. De todo modo, reproduziremos, a seguir, alguns excertos que julgamos produtivos para subsidiar nossas análises a fim de compreendermos melhor o panorama apresentado.



No fragmento a seguir, podemos notar que o aluno (a) mobiliza a noção de *imagem* para tratar do perfil dos discentes do curso de Metalurgia. Para o respondente, o curso vai além ao não se limitar à dicotomia feminino/masculino, pertencimento ao grupo LGBTQ, origens étnico-raciais e ao poder aquisitivo, argumentando que:

Normalmente o curso de Metalurgia traz algumas imagens como um ambiente só para homens, entretanto, cada vez mais as mulheres conquistam o seu espaço. Todavia, o padrão não se limita à questão do gênero, "homem e mulher", são amplas as definições estabelecidas, de modo que abrange o grupo LGBTQ, as origens étnico-raciais e o poder aquisitivo (A - 1º ano - grifos nossos).

Percebemos, também, que muitas respostas têm como ponto de contato o *imaginário sociodiscursivo* de que os homens constituem a representação mais adequada pelo fato de alguns trabalhos demandarem um evidente vigor físico, materializado a partir do recorrente enunciado: as atividades ligadas à metalurgia exigem um maior esforço. Nesse sentido, é preciso recuperarmos o contexto de surgimento da Escola Técnica Federal de Ouro Preto, sobretudo a parte que trata da atribuição de características desejáveis à formação do perfil desse tipo de profissional tanto no espaço acadêmico quanto no laboral.

Dizem ser curso de homem por ser mais pesado (B - 1º ano - grifos nossos).

Por ser um dos primeiros cursos do IF e a escola do passado ter sido, em sua maioria, composta por homens, as pessoas cresceram com o pensamento de que este era um curso masculino e, assim, pararam no tempo. Quando uma mulher diz ser deste curso, ela recebe olhares de ironia, do tipo "quem ela pensa que é". As mulheres, agora, querem os direitos que lhes são concedidos por lei para serem aceitas na sociedade. Se, perante a lei, todos são iguais, uma mulher pode e dever fazer o que homem faz (G - 1º ano - grifos nossos).

Por a sociedade ser machista, o curso de metalurgia é mais voltado para o homem em razão de seu porte físico, por ter mais vigor e ser mais forte. Para exercer o curso, necessita-se dessas características e a mulher é mais frágil para isso (H - 1º ano - grifos nossos).

A partir dos relatos acima, não podemos deixar de fazer alusão ao que Louro (2016) chama de *educação dos corpos*. Tal concepção, a nosso ver, vai ao encontro do que a autora destaca como a *norma desejada* (LOURO, 2016, p. 11) pela sociedade e, também, ao que os



próprios alunos do curso de Metalurgia evidenciaram como qualidades inerentes ao perfil discente e, por sua vez, laboral. Para a teórica:

(...) o investimento mais profundo, contudo, o investimento de base da escolarização se dirigia para o que era substantivo: para a formação de homens e mulheres "de verdade". Em que consistia isso? Existia (e, sem dúvida, existem) algumas referências e critérios para discernir e decidir o quanto cada menino ou menina, cada adolescente e jovem estava se aproximando ou se afastando da "norma desejada". Por isso, possivelmente, as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda, hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual (LOURO, 2016, p.11 - grifos da autora).

Percebemos, novamente, nos trechos abaixo, o destaque para a questão da superioridade do gênero masculino em relação ao feminino bem como a refutação de uma orientação sexual que fuja à heteronormatividade.

Em minha concepção, todos nós merecemos ter acesso à educação e ao curso que quer seguir. *Porém, a grande esmagadora maioria dos atuantes e estudantes na área metalúrgica são homens. Mulheres, gays, lésbicas, bissexuais, dentre outros gêneros não são muito bem quistos aos olhos de alguns, pois não atendem aos padrões esperados para efetivação de um serviço pesado como a Metalurgia. A sociedade, sobretudo, deve entender que não é porque eu estudo nessa área, que irei seguir carreira na mesma, mas, se for o caso, está tudo bem. Não há nada de errado em fazer o que se gosta (D - 1º ano - grifos nossos).*

Embora isso tenha diminuído, *a Metalurgia sempre esteve muito associada à necessidade de vigor, força, poder, dentre outras características que, em uma sociedade machista, sempre foram atreladas aos homens. Tendo em vista que no passado o público do curso era majoritariamente masculino, além dessa questão de estereótipos sociais, causou-se uma espera de alunos, homens, e uma repulsa de mulheres (I - 1º ano - grifos nossos).*

Notamos, assim, a partir da leitura dos fragmentos, em destaque, que a sociedade tem buscado, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, 'fixar' uma identidade masculina ou feminina 'normal' e duradoura. Para Louro (2016), "esse intento é capaz de



articular, ainda, as identidades de gênero 'normais' a um único modelo, a identidade heterossexual" (LOURO, 2016, p. 17), principalmente no âmbito escolar.

Outro ponto que merece relevo é o fato de que parece existir um padrão que extrapola a questão do gênero e das origens étnico-raciais, como podemos ver a seguir:

Na verdade, atribuem-se comentários ruins aos alunos do curso como sendo voltado para pessoas folgadas (L - 1º ano - grifos nossos).

O relato acima é bastante forte e contundente no que diz respeito a alguns *imaginários sociodiscursivos* bastante contraproducentes entre os discentes do curso. Neste trecho, é reiterada outra nomeação - à semelhança de (da nomeação) 'alunos problemáticos', mencionada anteriormente -, indo, a nosso ver, ao encontro do risco que apontamos neste trabalho, a supressão de um aspecto fundamental: o caráter humanitário desses alunos (as) e, conseqüentemente, a passibilidade a falhas.

Notem que embora esteja se contornando um perfil raso dos discentes do curso de Metalurgia é interessante observarmos a ponderação de um dos respondentes da pesquisa no sentido de reafirmar tal existência. Todavia, esta consideração se dá a partir de uma conotação positiva: a dedicação desses alunos aos estudos.

Em minha opinião, espera-se um perfil de um aluno mais estudioso em relação ao curso, pois diversas pessoas dizem que o curso é bastante "puxado", por isso esse tipo de pressão é colocada sob os alunos do curso de Metalurgia (J - 1º ano - grifos nossos).

Há, também, aqueles que não acreditam existir tal padrão, como podemos observar a seguir, mas estes se reduzem a um número muito limitado.

No meu ponto de vista, não existe nenhum padrão para fazer o curso, cabendo todo tipo de perfil (K - 1º ano - grifos nossos).

(...) não importa como a pessoa é, pois todos são capazes. É só ter força de vontade e dedicar para conquistar o que se quer na vida, pois tudo é baseado na dedicação e vontade (M - 1º ano - grifos nossos).

Por fim, questionamos se questões ligadas a gênero, mais especificamente voltadas a uma orientação sexual diferente da heterossexual, implicaria em alguma mudança na forma como esses (as)



alunos (as) são vistos (as) dentro do curso e as respostas foram assertivas nesse aspecto. Vejam:

O sexo feminino ou a pessoa que mudou de identidade, de certo modo, receberão julgamentos, simplesmente, por suas formas. Em uma sociedade que a figura feminina é posta como inferior e frágil, as novas gerações de alunos seguem rotuladas. Tais referências trazidas em suas embalagens/corpos estabelecem a capacidade que irão implicar em suas áreas de trabalho (A - 1º ano - grifos nossos).

Detendo-nos, ainda, a essa ótica, merece destaque, também, o fato de um dos respondentes ter afirmado que determinados (as) alunos (as), mais especificamente, aqueles (as) que fogem à condição da heteronormatividade, ficam à margem de grupos minoritários.

Vejo, frequentemente, que se a pessoa é heterossexual, a mesma é aceita nas chamadas "panelinhas" (...). Já os gays, lésbicas, transexuais, dentre outros, vivem em um pequeno isolamento, sob olhares diferentes, como se a pessoa com uma pessoa com opção sexual diferente da maioria destoasse (D - 1º ano - grifos nossos).

Ainda sob essa mesma perspectiva, outro discente afirmou que dentro do curso é comum haver casos de homofobia. Todavia, ele parece discordar da situação, mas afirma 'apenas rejeitar' aqueles que estão sob essa condição. Tal constatação nos surpreende pelo fato desse aluno parecer se isentar de uma postura preconceituosa, mas, logo em seguida, ele a reitera a partir da adoção de um comportamento evidentemente sexista, inadmissível no âmbito escolar.

Para entrar no curso não muda, mas a visão que algumas pessoas é outra, pois ocorre muita homofobia. Eu apenas rejeito (E - 1º ano - grifos nossos).

Ao examinarmos esses relatos, recordamo-nos da asserção de Louro (2016) a respeito daqueles que se percebem distantes de um padrão considerado ideal. Sobre a questão, a autora pontua que:

As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia (LOURO, 2016, p. 18).



Por outro lado, há discentes que se sensibilizam diante da situação e afirmam avaliar negativamente os casos de homofobia, como podemos observar a seguir:

Tenho amigos que são homossexuais e são vistos de uma forma diferente na escola. *Tem pessoas que fazem piadas, praticam bullying e isso, querendo ou não, machuca aqueles que são homossexuais, bissexuais, etc.* (H - 1º ano - grifos nossos).

O tratamento das mulheres no curso de Metalurgia (e nos demais cursos, em geral) é completamente nocivo e machista, já que o curso, em geral, tem o estereótipo de ser masculino/másculo. *Isso é um comportamento irracional que segrega e violenta por motivos tolos e não se aplica somente às mulheres, homossexuais, trans, mas todas as minorias também sofrem com isso* (H - 1º ano - grifos nossos).

(...) Alguns dizem que esse curso não é para certas pessoas (M - 1º ano - grifos nossos).

Do mesmo modo, há alunos (as) que negam a existência de preconceito ligado à questão de gênero em relação à forma como esses discentes são vistos.

Acho o curso livre para sermos quem quisermos e nos identificarmos melhor (J - 1º ano - grifos nossos).

Não há nenhuma interferência (O - 1º ano).

Tendo em vista as considerações apresentadas até o presente momento, percebemos, a partir da análise dos relatos dos (as) alunos (as) da primeira série do Curso Técnico em Metalurgia, que ainda vigora o mesmo *imaginário sociodiscursivo* voltado à construção de um perfil ideal de discentes do referido curso - homens heterossexuais cujo vigor é ressaltado por atributos como a força física e disposição para o trabalho -, principalmente, ao relacionarmos tal contorno ao contexto de surgimento da escola/curso e à conjuntura socioeconômica da época.

Podemos afirmar, ainda, que embora a escola tenha adquirido novos contornos com sucessivas transformações, fusões, incorporações e modificações de seus objetivos institucionais/educacionais, o estereótipo em relação ao perfil do profissional técnico em Metalurgia se manteve e reverbera até os dias atuais para as turmas ingressantes no primeiro ano do curso.



Interessa-nos, agora, estabelecermos um contraponto em relação a essas mesmas perguntas para os alunos da segunda série, a fim de identificarmos se ocorre uma mudança de perspectiva após dois anos de curso, principalmente por considerarmos que nesta etapa já há uma maior identificação com a área de formação e a evasão é bem menor, de acordo com dados do setor pedagógico da escola.

Novamente, perguntamos aos discentes o significado de ser aluno (a) do curso de Metalurgia e obtivemos respostas que também vão ao encontro daquelas coletadas a partir dos relatos dos (as) estudantes da primeira série, entretanto, chama-nos a atenção a *nomeação* - 'o incapacitado'; as *qualificações* - 'sem capacidade para passar em outros cursos' e 'irresponsáveis'; e, até mesmo, atributos ligados à *localização-situação* - 'aqueles que moram nas favelas' e 'os que fazem o curso para entrarem na escola' - outorgadas a esses discentes, contrariando a realidade que vivem: alunos (as) que cursam 18 disciplinas, nos turnos matutinos e vespertinos, muitas vezes, frequentando aulas aos sábados e abdicando de finais de semana para conseguirem concluir o curso.

Significa ser julgado pelo fato do curso ser o mais fácil de entrar, significa, ainda, se esforçar pra conseguir nota em 18 matérias, ter que lidar com críticas e comentários preconceituosos sobre os alunos - *aqueles que moram nas favelas, os que não tiveram capacidade de passar em outros cursos* (A - 2º ano - grifos nossos).

Significa ter responsabilidades, compromissos, deveres, noites sem dormir, esperança, esforço e desafios. Significa ter que abrir mão de muitas coisas, dar prioridades a estudo ao invés de festas, *representar um dos primeiros cursos da escola e, muitas vezes, sermos julgados como irresponsáveis* (H - 2º ano - grifos nossos).

Ser aluno do curso de Metalurgia *significa ser considerado incapacitado por outros grupos que se sentem superiores*. Significa, também, que parte dos alunos do curso não estão fazendo o mesmo porque gostam, mas, sim, por quererem entrar na escola (J - 2º ano - grifos nossos).

Espera-se que o estudante do curso seja o menos dotado, com mais dificuldade e que seja mais preocupado com as demais coisas do que o curso (K - 2º ano - grifos nossos).

Além das questões expostas acima, percebemos que os discentes são taxados como aqueles mais propícios a morarem em lugares periféricos em razão de uma parte considerável ter uma condição



socioeconômica mais baixa. A partir das evidências apontadas, o curso parece ser permeado pelo seguinte *imaginário sociodiscursivo*: o de ser voltado a alunos (as) que atendiam a um nicho de mercado muito específico - o setor metalúrgico, composto, em sua maioria, por homens - e, que, hoje em dia, não goza dos mesmos prestígios de outrora. Além disso, podemos afirmar, também, que o fato da entrada ser facilitada em razão de uma maior oferta em relação ao número de vagas o coloca em uma condição de inferioridade quando se tem acesso a apenas esses dados isoladamente.

Outro ponto que merece relevo é o reforço de estigmas de caráter preconceituoso, materializados a partir de atitudes ofensivas como o deboche, ancorados no *imaginário sociodiscursivo* de superioridade dos demais cursos em relação ao Curso Técnico em Metalurgia, principalmente no que diz respeito à relação de números de candidatos por vaga.

Significa aturar deboche em algumas ocasiões, mas, em sua maior parte, ser aluno de Metalurgia requer esforço e maior interesse, já que se trata de um dos cursos mais difíceis da Instituição (B - 2º ano - grifos nossos).

Temos que lidar com um certo preconceito em relação aos outros cursos que temos na escola (E - 2º ano - grifos nossos).

É interessante que percebamos, também, que o argumento que parece permear a discussão sobre o significado de ser aluno (a) do curso de Metalurgia perpassa a circunstância de ter sido o primeiro curso da Instituição e, por esse motivo, é merecedor de respeito e apreço por parte dos outros discentes, como se pode ver a seguir:

É muito difícil, pois somos considerados o pior curso do campus, mas somos o curso mais velho, o primeiro, na verdade. O que queria era o mínimo de respeito porque é muito difícil passar no curso, pois são 18 matérias e a cobrança por parte de todos a fim de que seja um curso com alunos melhores (F - 2º ano - grifos nossos).

Notamos, ainda, que a mobilização de tal contexto se materializa em uma forma de tentativa de blindagem do curso e, por conseguinte, de seus alunos (as). Outra condição salientada é o fato de que os discentes do curso devem comportar uma força que vai além do vigor físico já sugerido em muitos relatos, mas que se consolida numa espécie de garra, como se o pressuposto para estarem naquele curso predispuesse certa coragem frente à vida no âmbito escolar e, também, pessoal.



Ser aluno de Metalurgia é ser forte e ter garra para encarar as dificuldades do curso e as críticas. *É ser guerreiro o tempo todo* (G - 2º ano - grifos nossos).

Ser aluno de Metalurgia é, de certa forma, bom. O curso é, sob meu ponto de vista, o mais difícil do IFMG, mesmo que eu não possa opinar sobre a dificuldade dos outros cursos. *Não é fácil ser inferiorizado pelos outros cursos pelo fato de se ter uma entrada facilitada no processo seletivo em razão de um maior número de vagas* (I - 2º ano - grifos nossos).

Dando continuidade a nossa análise, detivemo-nos a averiguar, ainda, a existência de um padrão/perfil desejado para ser aluno (a) do curso de Metalurgia e de que maneira isso ocorre. Como pudemos perceber pelas outras perguntas, constatamos que há, de fato, esta pressuposição, principalmente quando faz referência à classe social - notadamente a de baixa renda - da maior parte dos discentes que compõem o curso.

Infelizmente, sim. Os alunos, muitas vezes, moram em lugares mais simples e alguns discentes dizem que os alunos do curso entram no Instituto com outro intuito: o de atrapalhar os outros estudantes que querem aprender e até mesmo os professores (...) *São julgados pelo jeito que se vestem ou pelo fato de estudarem Metalurgia* (A - 2º ano - grifos nossos).

E, por último, também questionamos se questões ligadas a gênero, especialmente voltadas a uma orientação sexual diferente da heterossexual, implicaria em alguma mudança na forma como esses alunos são vistos (as) dentro do curso e obtivemos respostas similares.

Como podemos perceber mais à frente, não houve uma diferença drástica nesse aspecto, entretanto notamos uma maior aceitação no sentido de que os discentes não se valem de argumentos clichês, vide o exemplo, anteriormente mencionado - a falta de oportunidade de se "provar uma boa mulher" (E - 1º ano).

Sim, essas pessoas são olhadas de forma diferente, às vezes, com discriminação ou são deixadas de lado (F - 2º ano - grifos nossos).

É válido que destaquemos que, embora o preconceito não seja tão explícito, ainda vigora o *imaginário sociodiscursivo* tão latente à década de 40: o vigor e a força ligados aos discentes do sexo masculino em relação ao curso de Metalurgia, dificultando a aceitação, na maior parte das vezes, de homossexuais.



Sim, em questão de gênero, por exemplo, *não há uma tendência de se esperar que haja homossexuais no curso pelo fato de a maioria dos estudantes serem homens*. Além de o curso ser considerado, também, como mais masculino devido às técnicas utilizadas (K - 2º ano - grifos nossos).

Sob esse prisma, podemos nos valer, ainda, do que Louro (2016) afirma acerca da existência, mesmo que, velada, da *pedagogia da sexualidade*⁵. Para a autora:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça, etc., também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos dissonantes e contraditórios (LOURO, 2016, p. 21).

6. Algumas breves palavras para concluir

Em virtude dos fatos apresentados e ao considerarmos, ainda, a análise dos relatos das turmas de primeira e segundas séries, pudemos perceber que o incômodo que motivou a realização deste trabalho é, de fato, verdadeiro. Ademais, constatamos que também vigora um forte *imaginário sociodiscursivo* em relação aos discentes do segundo ano do Curso Técnico em Metalurgia voltado à construção de um perfil ideal desses alunos - homens heterossexuais cujo vigor é demarcado por atributos como a força física e disposição para o trabalho.

Nesse sentido, somos levados a relacionar, também, tal circunstância à conjuntura socioeconômica dos egressos do curso bem como a existência de um perfil (anterior) ligado à robustez e vitalidade desses discentes. Podemos dizer, ainda, que o *imaginário sociodiscursivo* da família desses ex-alunos também contribui para reforçar os estereótipos e estigmas percebidos dentro do curso, pois, como bem se viu, em alguns casos, a própria parentela é responsável por alimentá-los e gerir a engrenagem escolar nesse aspecto.

⁵ É preciso salientar que não estamos afirmando, em momento algum, que a escola, a equipe pedagógica e os docentes produzam esse tipo de pedagogia no âmbito do Instituto, entretanto, apontamos que essa era a condução dada durante séculos por vários setores da sociedade, como Foucault (1988) apontou em vários de seus escritos.



Podemos concluir, também, que, embora pressupuséssemos que o amadurecimento dos (as) alunos (as) de segundo ano pudesse favorecer a ruptura de estereótipos ligados à questão do gênero e da orientação sexual, notamos que eles se mantêm fortes e exigirá, de nós, professores, equipe pedagógica⁶ e a escola como um todo, um trabalho de (des)construção de estigmas, a fim de dar contorno a uma nova identidade desses discentes no âmbito do curso, considerando-se, para tanto, o delineamento de um novo panorama quanto à realidade acadêmica, perpassada, ainda, pelas condições das atividades laborais vigentes.

Resta-nos, portanto, como professoras do curso, pensarmos em estratégias, a partir de um nível macro, considerando-se um somatório efetivo de esforços conjuntos, para tentarmos romper com a existência da projeção de um *imaginário sociodiscursivo* considerado ideal para os (as) alunos (as) matriculados (as) no Curso Técnico em Metalurgia do IFMG, Campus Ouro Preto, haja vista a existência de certos estigmas dentro do âmbito e espaço escolar. Ademais, faz-se necessário ressaltar, ainda, que vivemos uma era em que várias identidades se evidenciam de forma muito concreta - sejam as de raça, gênero, classe, geração ou nacionalidade - e imbricam-se a elas vários marcadores sociais que interferem na forma de vida desses discentes que são, constantemente, assolados pela insistência e a ânsia societária de classificá-los, sobretudo os grupos que consideram a si e aos outros como minoritários.

Referências

BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 10 de novembro. In: *Diário Oficial da União*. Rio de Janeiro, 10 nov. 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 15 out. 2018.

6 Gostaríamos de ressaltar, aqui, o excelente trabalho realizado pela Pedagoga e pelo Coordenador do Curso Técnico em Metalurgia no sentido de adotar políticas pedagógicas que visam o rompimento desse tipo de *imaginário sociodiscursivo*. Como professoras do curso, já percebemos uma grande evolução desses alunos e um forte empoderamento, sobretudo das mulheres. É preciso que avancemos mais em relação aos indicadores acadêmicos e, com a finalização do ano letivo de 2018, certamente conseguiremos aferir melhoras nesses índices, já evidenciados e percebidos ao longo do ano letivo de 2018 pelo setor pedagógico e demais docentes do curso.



BRASIL. Congresso Nacional. *Decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942*. Lei orgânica do ensino industrial. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 17 out. 2018.

BRASIL. Surgimento das escolas técnicas. In: *Portal Oficial do Governo Federal*. 2011. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/educacao-e-ciencia/2011/10/surgimento-das-escolas-tecnicas>. Acesso em: 16 out. 2018.

CUNHA, Luiz. Antônio. Aspectos sociais da aprendizagem de ofícios manufatureiros no Brasil colônia. In: *Fórum*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 31-65, out./dez. 1978. Disponível: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fe/article/viewFile/60494/58745>. Acessado em 16 out. 2018.

IFMG OURO PRETO. *Técnico em Metalurgia*. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/ouropreto/cursos/tecnico/tec-metalurgia>. Acesso em: 17 out. 2018.

IFMG OURO PRETO. *IFMG: autoavaliação institucional*. 2017. Disponível em: <http://www2.ouropreto.ifmg.edu.br/documentos/RelatrioAutoavaliaoCampusOuroPreto20161.pdf>. Acesso em: 18 out. 2018.

FERREIRA, Tatiana Toledo; FERREIRA, Gabriela Andrade; MACHADO, Arthur Versiani. A Escola Técnica de Metalurgia e Mineração de Ouro Preto no processo de consolidação do modelo de educação profissional da rede federal: registros de história oral. In: Encontro Nacional de História Oral, 12, 2016, Porto Alegre. *História Oral: práticas patrimoniais e interdisciplinaridade*. Porto Alegre: Associação Brasileira de História Oral. 2016. p. 1-13. Disponível em: http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1462892717_ARQUIVO_ArtigoparaAnaisdoIIIENHO.pdf. Acesso em 01 out. 2018.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, V.1: A vontade de saber. Graal ed. Rio

de Janeiro: 1988.



GUADANINI, S. M. *Designação: das categorias da língua às categorias do discurso*, 2010. 216f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 7-34.

MOSCOVICI, Serge. On Social Representations. In: FORDAS, J.P. (eds.) *Social cognition: perspectives on everyday understanding*. London; Academic Press, 1981, p.181-209.

REIS, P. J. F. M. O processo de nomeação e a construção identitária em narrativas de vida. In: MACHADO, Ida Lúcia; SANTOS, João Bosco Cabral dos. (Org.). *Análise do Discurso: Afinidades Epistêmicas Franco-Brasileiras*. vol. 1. Curitiba: CRV, 2016. p. 147-161.

_____. *Sobre Paulo Freire: os contornos discursivos de uma vida*. 2018. 258f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

UFOP/ESCOLA DE MINAS. *História da Escola de Minas*. Disponível em: <https://www.em.ufop.br/index.php/historia>. Acesso em 17 out. 2018.



Dilemas y Subjetividades acerca de la Proyección de Imaginarios Sociodiscursivos involucrando a Discentes de un Instituto Federal

RESUMEN: Este artículo tiene por objetivo averiguar en qué medida existe y se configura la proyección de un imaginario sociodiscursivo considerado ideal en relación a los discentes del Curso Técnico Integrado en Metalurgia del Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ouro Preto. La motivación de esta investigación se dio en razón de la recurrente ociosidad de vagas e incluso la no integralización de todas las clases, muchas veces, siendo justificada, discursivamente, por el perfil de los alumnos que las componen. Para la realización de este trabajo, nos valemos de un cuestionario que fue aplicado a las clases de primera y de segunda serie, conteniendo preguntas ligadas a la significación de lo que es ser alumno (a) del curso, la posible existencia en cuanto a la proyección de un perfil discente y si las cuestiones relacionadas con el género interfieren en la forma en que se percibe a los estudiantes. Todas estas preguntas convergen en el sentido de intentar entender cómo y por qué ese imaginario sociodiscursivo se reverberó con tal fuerza dentro del Campus, considerando el hecho de que el curso, en cuestión, fue el primero en ser creado en la Institución.

PALABRAS CLAVE: Imaginario sociodiscursivo. Género. Relaciones Étnico-Raciales.

Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis

A professora e pesquisadora Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis é graduada em Letras pela UFSJ e Pedagogia pela UFOP, possui mestrado em Letras e doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é professora do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto, atuando no Ensino Médio Técnico Integrado e Subsequente e, também, na Pós-Graduação. Desenvolve pesquisas ligadas à área de Análise do Discurso, sobretudo voltadas à Teoria Semiolingüística, à narrativa de vida e a argumentação.

Elke Beatriz Félix Pena

É professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Minas Gerais – campus Ouro Preto. Formada em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Ouro Preto, doutora e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, vem atuando em pesquisas na área da Teoria da Enunciação e Teoria de Gênero, voltadas para o campo da produção do sentido e construção de identidades.